

Uma análise das tirinhas de Calvin e Haroldo

Elisane Strelow Gonçalves¹

GD5 – História da Matemática/Educação Matemática

Resumo

Este trabalho é o início de uma pesquisa de mestrado acadêmico em Educação Matemática pela Universidade Federal de Pelotas – UFPel, que tem como objetivo fazer uma análise de conteúdo das tirinhas de Calvin e Haroldo, trazendo a história das histórias em quadrinhos e das tirinhas, fazendo uma reflexão de como são abordados nestas tiras a Escola e os aspectos que ~~a~~ envolvem o ensino e aprendizagem de Matemática, bem como fazer uma ligação com situações da realidade do aluno.

Palavras-chave: Histórias; Tirinhas; Escola; Matemática

1. Introdução

Começaremos este trabalho fazendo uma breve descrição da vida o autor e das características dos personagens de suas obras, das quais faremos uma análise discursiva. A análise do discurso faz o leitor refletir sobre a tirinha analisada.

Com o objetivo de fazer uma análise de conteúdo das tirinhas de Calvin e Haroldo, traremos, em um primeiro momento, um pouco da história das tirinhas; seguirem a isso reflexões de como são abordados nestas tiras a escola e os aspectos que ~~a~~ envolvem o ensino e a aprendizagem de Matemática, cujas análises fazem uma ligação com situações da realidade do aluno.

Calvin e Haroldo são os personagens criados pelo autor Bill Watterson. Calvin é um garotinho de 6 anos e Haroldo é seu melhor amigo, um tigre de pelúcia, que o menino trata como se fosse real. Os dois amigos abordam diversos temas de maneira descontraída, às quais dirigimos nosso olhar de pesquisadores em Educação Matemática para entender o que elas podem nos dizer acerca das relações que o garoto estabelece com a escola e com o estudo da Matemática.

2. Metodologia

Para realizar a pesquisa, faremos uma seleção das tiras que se enquadram nos assuntos que pretendemos analisar, e para tal utilizaremos a pesquisa qualitativa. A abordagem qualitativa é a que nos apresenta uma melhor harmonização, pois trabalha com um acontecimento que pode ser compreendido melhor no contexto em que ocorre. Ludke e André (1986) afirmam que esse tipo de pesquisa dá ênfase à perspectiva dos participantes

“ tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento, a pesquisa qualitativa supõe o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo investigada [...] (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p. 11).

Moreira (2002) aborda características básicas da metodologia de pesquisa qualitativa, essas características são: 1) A interpretação com o foco, onde há um interesse em interpretar a situação em estudo; 2) A subjetividade é enfatizada. No entanto, o foco de interesse é a perspectiva dos informantes; 3) A flexibilidade na conduta do estudo; 4) O interesse é no processo e não no resultado; 5) O contexto como intimamente ligado ao comportamento das pessoas na formação da experiência; e 6) O reconhecimento de que há uma influência da pesquisa sobre a situação, admitindo-se que o pesquisador também sofre influência da situação de pesquisa.

3. As histórias em quadrinhos e tirinhas

Segundo Drummond (2009), durante algum tempo, as tirinhas e histórias em quadrinhos foram discriminadas por serem considerados livros que intervinham na formação moral das jovens, no rendimento da escola e que afastavam ou desestimulavam os adolescentes na busca de leituras mais densas, deixando-os preguiçosos, conduzindo-os a não exercer a criatividade, pois pouco texto e muitas imagens nos quadros diminuiriam a imaginação do leitor.

As primeiras publicações das histórias em quadrinhos no Brasil de que se tem registro tiveram início no século XIX e o primeiro desenho em formato de quadrinhos é atribuído a de Manuel de Araújo, que o produziu por meio do processo de litografia e o vendeu em papel avulso no ano de 1837. Mais tarde em 1844, o autor criou uma revista de humor político, denominada *Lanterna Mágica*.

4.As tirinhas de Calvin e Haroldo

4.1 O autor Bill Watterson

O autor que escreve as tirinhas sobre Calvin e Haroldo é William B. Watterson II, mais conhecido como Bill Watterson.

Bill Watterson nasceu em Washington DC, mas se mudou com sua família, aos seis anos de idade, para Changrin Falls, em Ohio. Posteriormente formou-se no Kenyon College em Ciências Políticas, no ano de 1980, e iniciou o trabalho no Cincinnati Post como chargista, mas não teve sucesso e foi demitido em alguns meses.

Em 18 de novembro de 1985 publicou Calvin e Hobbes, personagens que o tornaram famoso e com os quais ele trabalhou até se aposentar, em 9 de novembro de 1995, quando passou a dedicar-se à pintura.

Foi Sprite, o gato de Watterson, que inspirou boa parte da personalidade e atributos físicos de Hobbes.

4.2 Os personagens Calvin e Haroldo

As séries de tiras criadas, escritas e ilustradas pelo autor norte americano william B. Watterson II, Calvin and Hobbes (Calvin & Hobbes em Portugal, Calvin e Haroldo no Brasil) foram publicadas em mais de 2000 jornais ao redor do mundo, entre 18 de novembro de 1985 e 31 de dezembro de 1995.

Calvin é um menino de seis anos de idade cheio de personalidade, que tem como companheiro um tigre sábio e sarcástico, Hobbes (que, no Brasil, ficou conhecido como Haroldo). Hobbes para Calvin é como se estivesse vivo, como um amigo verdadeiro, mas na verdade é um bicho de pelúcia. De acordo com boa parte das visões, os sonhos fantásticos de Calvin constituem com frequência uma fuga à severa realidade do mundo moderno.

Calvin é um menino que debocha de suas aulas, principalmente por entender que sua inteligência não é visível pela maneira que ele faz um teste. Possui uma sabedoria além de sua pouca idade, o que pode ser observado quando ele argumenta e discute o seu ponto de vista sobre determinados assuntos. Apesar disso, se esforça para resolver problemas de matemática simples ou atividades de classe, não porque ele não seja inteligente o suficiente

para compreendê-las, mas porque sua imaginação vai muito além do que está sendo pedido.

4.3 Algumas análises

A seguir, trazemos algumas tirinhas do Calvin, às quais dirigimos nosso olhar de pesquisadores em Educação Matemática para entender o que elas podem nos dizer acerca das relações que o garoto estabelece com a escola e com o estudo da Matemática.

4.3.1 Falta de motivação para estudar

Como para a maioria das crianças, o retorno para a sala de aula depois das férias é um momento difícil, e não é diferente para Calvin.

Figura 1: Falta de motivação para estudar



Fonte: <https://www.google.com.br/search?q=tirinhas+calvin+sobre+escola&biw=1366&bih=631&tbm=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&ved=0ahUKEwi6n63Ih8zPAhVEiZAKHYDtBa4Q7AkIKA>

Na figura 1, a coleguinha Suse, uma menina esperta e inteligente e que gosta de estudar, mostra empolgação no início do ano letivo e, em particular, em ganhar material escolar novo. É uma nova fase que inicia e está motivada para este início. Já Calvin não gosta da escola e, mal humorado, diz que na escola ninguém o fará entender outra língua, e que todos deveriam falar o português (consideramos, aqui, obviamente, o fato de a tirinha ter

sido traduzida) e pronto. Suse, surpresa com a atitude de Calvin, ironiza dizendo para ver os ingredientes do cereal que provavelmente tomou no café da manhã e não deve ter feito bem a ele. Mas Calvin continua revoltado e diz que irá apenas terminar o ensino fundamental e parar de estudar.

Para alguns alunos, essa falta de motivação é comum, não apenas no início do ano letivo, mas ao longo de todo ele, e isto interfere fortemente no seu rendimento escolar. Bzuneck afirma que:

[...]Alunos desmotivados estudam muito pouco ou nada e, conseqüentemente, aprendem muito pouco. Em última instância, aí se configura uma situação educacional que impede a formação de indivíduos mais competentes para exercerem a cidadania e realizarem-se como pessoas, além de se capacitarem a aprender pela vida afora (BZUNECK, (2001,p.13).

Em relação à motivação para o aprendizado, devem ser levados em consideração os aspectos do ambiente escolar, como a quantidade de alunos na sala de aula, os métodos de ensino que o professor utiliza, a relação do professor com o aluno, entre outros.

Sobre o papel do professor, Fita (2003) destaca que:

[...] a própria pessoa do professor pode ser uma fonte de motivação importantíssima. O tipo de relação que estabelecemos com os alunos pode gerar uma confiança e um aumento da atenção que são condições indispensáveis para aprendizagem. (FITA, 2003, p.92).

Lima (2000) diz que se o professor é o principal mediador do ensino e aprendizagem do aluno na sala de aula, este deve organizar o ambiente e suas aulas de modo que motivem e despertem o desejo destes ao aprendizado.

Para Guimarães (2001), a sala de aula é descrita como um espaço de socialização de culturas, que envolve desenvolvimento da cognição e a relação de afeto entre o professor e aluno. Enfatiza, ainda, que seja de grande relevância para o estímulo da aprendizagem dos estudantes a organização das aulas e propiciar e eles um clima motivador, que contemple as suas necessidades internas e perspectivas pessoais.

Levando em consideração as falas dos autores citados e a tirinha de Calvin, percebe-se que a falta de motivação de Calvin para os estudos pode estar relacionado com diversos fatores, como a falta de afetividade entre ele e a professora, aulas sem propostas interessantes, sem estímulo, que não despertem a curiosidade, entre outros.

Dessa forma, é importante identificar quais os fatores motivacionais, sendo de fundamental importância a compreensão desses aspectos.

4.3.2 O dever de casa

Assim como a maioria dos alunos, Calvin detesta dever de casa. Na figura 2, Calvin está revoltado com a lição de casa sobre escrever um parágrafo inteiro acerca das suas férias. Mas Haroldo resolve o ajudar e percebe que Calvin tem pouco a escrever, pois nada mais fez nas férias, além de assistir TV.

Figura 2: Dever de casa



Fonte: <https://www.google.com.br/search?q=tirinhas+calvin+sobre+escola&biw=1366&bih=631&tbm=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&ved=0ahUKEwi6n63Ih8zPAhVEiZAKHYDtBa4Q7AkIKA>

Será que Calvin não gosta mesmo de fazer o dever ou está revoltado por ter de deixar de assistir TV?

O dever de casa também é conhecido como tarefa de casa, uma expressão de origem árabe (tarik), que significa “obra ou porção de trabalho que deve ser realizada e cumprida num determinado prazo” (NOGUEIRA, 2002, p. 23). Escolas diferentes seguem procedimentos distintos sobre o dever de casa, que é um tema bastante controverso.

O importante é que tanto alunos quanto a família saibam que a rotina de estudos não termina na porta de saída escola, após várias horas diárias de aula. Em casa, o estudo precisa continuar com outras atividades planejadas pelos professores para isso.

A autora Maria Eulina Pessoa de Carvalho (2004) descreve que o dever de casa:

Pode ser visto como uma necessidade educacional, reconhecida por pais e professores, sendo concebida como uma ocupação adequada para os estudantes em casa; pode ser considerado um componente importante do processo ensino-aprendizagem e do currículo escolar; e pode ser concebido como uma política tanto da escola e do sistema de ensino, objetivando ampliar a aprendizagem em quantidade e qualidade, para além do tempo-espço escolar, quanto da família, visando estimular o progresso educacional e social dos descendentes. (CARVALHO, 2004, p. 1)

A função do dever de casa é sistematizar o que foi aprendido na sala de aula, estudar mais e aprofundar seus conhecimentos. Assim, ao avaliar as atividades que o aluno fez sozinho em casa, o professor pode ver qual sua dificuldade e reforçar os pontos nos quais não apresentou o rendimento esperado.

Com o avanço das tecnologias e dos brinquedos interativos que cada vez mais ocupam o tempo das crianças, o interesse pelos estudos dos alunos tem ficado em segundo plano.

A Lição de Casa é considerada um fardo para as crianças, pois as impedem de brincar, algo que é inerente à infância e uma necessidade básica para um desenvolvimento sadio. “Além de prazeroso, brincar é uma válvula de escape para conflitos infantis.” (NOGUEIRA, 2002, p. 74).

Para Carvalho (2009), a Lição de Casa deve, além de ser bem planejada, despertar o gosto pelos estudos e possibilitar que a criança a faça sem dependência de um adulto para ajudá-lo.

4.3.3 Aprendizagem Matemática

Sempre junto de seu amigo, o tigre Haroldo, Calvin conversa sobre sua avaliação de Matemática, e lamenta ter perdido a aposta para Suse, sobre quem tiraria a maior nota; como resultado, teve que pagar para ela 50 “paus”. Mas como Calvin se acha muito esperto, tentou lograr Suse, dando a ela 3 moedas de 20 centavos, totalizando 60 “paus”. Ele acredita ter pago menos a ela do que foi combinado, um erro de contas decorrente do seu pouco conhecimento em Matemática. Haroldo, muito esperto, percebe o erro de Calvin e o alerta sobre estudar mais. Mesmo assim, ele continua achando que está certo e se chateia com Haroldo.

Figura 3: Aprendizagem Matemática



Fonte:

<https://www.google.com.br/search?q=tirinhas+calvin+sobre+escola&biw=1366&bih=631&tbm=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&ved=0ahUKEwi6n63Ih8zPAhVEiZAKHYDtBa4Q7AkIKA>

Assim como para Calvin, a Matemática é tida como uma disciplina de difícil interpretação por grande parte dos alunos, mesmo sendo atribuída à esta uma grande importância.

O Ensino e a aprendizagem da Matemática são essenciais nas séries iniciais do ensino fundamental, mas são recheados de dificuldades pelo caminho. Este é um dos motivos que justifica as propostas de reflexão sobre esse assunto de vários autores.

Segundo a autora Ana Cristina Rangel:

O ensino de matemática nas séries iniciais não leva em conta suas experiências diárias, nas quais estabelece relações de semelhanças e diferenças entre objetos e fatos, classificando-os, ordenando-os e quantificando-os. Assim, o ensino torna-se distante da realidade, a criança é induzida a aceitar uma situação artificial, sem significado para ela (RANGEL, 1992, p.17).

As operações numéricas, que são um dos principais conteúdos das séries iniciais, têm seu modo de ensino criticado por Kamii, quem relaciona alguns fatores que justificam efeitos nocivos pelo uso do algoritmo: “Os algoritmos forçam o aluno a desistir de seu raciocínio numérico; eles não ensinam o valor posicional e obstruem o desenvolvimento do senso numérico, tornam a criança dependente do arranjo espacial dos dígitos (lápiz e papel) e de outras pessoas” (KAMII, 1999, p.55)

Seguindo as falas dos autores, percebe-se que a grande dificuldade dos alunos dos anos iniciais (e também a de Calvin) está ligada à falta de compreensão do verdadeiro sentido e de sua aplicabilidade em suas vidas. Quando a criança se encontra em frente a uma situação que exige um cálculo matemático, como o caso de Calvin apresentado na tirinha, ou em um supermercado, no ônibus, na feira etc., ela não pode recorrer a seu material escolar, ao “caderno e lápis” para resolver o problema. É uma situação imediata em que o aluno precisa fazer o cálculo mentalmente. Este é um desafio para os professores dos anos iniciais, e também dos anos seguintes, fazer uma ligação da disciplina de Matemática e da realidade do aluno e fazê-lo refletir sobre a real e significativa importância em suas vidas, contribuindo para que ele desenvolva um raciocínio matemático que lhe seja útil e que não dependa exclusivamente de registros escritos.

4. Considerações finais

Com o intuito de fazer uma análise das tirinhas com os personagens Calvin e Haroldo das obras de Bill Watterson, faremos uma pesquisa qualitativa abordando os conceitos da escola e os aspectos que a englobam (professores, alunos, avaliações, sala de aula, disciplina, dever de casa etc.) fazendo uma construção do ponto de vista do autor ao elaborar estas obras, ligando os fatos mencionados a situações da realidade, dos ambientes escolares e dos aspectos que englobam esse tema. Aqui apresentamos umas primeiras análises, alguns “ensaios” do que virá a ser aprofundado ao longo do trabalho, principalmente quando conseguirmos delimitar melhor nossos referenciais metodológicos.

Estes personagens foram escolhidos como tema inicial dessa pesquisa, Porém, pretende-se analisar tirinhas de outras obras, onde os conceitos escolares sejam o assunto principal.

5. Referências:

ACEVEDO, Juan. **Como fazer histórias em quadrinhos**. São Paulo, Global Editora, 1980

BAKHTIN, Mikhail. **Os Gêneros Discursivos**. 3. ed. Estética da Criação Verbal. São Paulo, Martins Fontes, 2000. BAIT, B. (org.) Bakhtin, Dialogismo e Construção de Sentido. Campinas/ SP. Editora da Unicamp, 1997

BZUNECK, J.A. A Motivação do Aluno: Aspectos Introdutórios. In: BZUNECK, J.A.; BORUCHOVITCH, E. (Orgs). **A Motivação do aluno: contribuições da psicologia contemporânea**. Rio de Janeiro: Vozes, 2001. p. 9-31

CARVALHO, M. E.P. Escola como extensão da família ou família com extensão da escola? O dever de casa e as relações família -escola. **Revista Brasileira de Educação**, n.25 p. 94 –104.

CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de. Uma difícil e necessária parceria mediada pelo polêmico dever de casa. São Paulo: **Cenpec**, Educação 6. 2009.

DRUMMOND, Davi. **Cultura da educação matemática nas tirinhas “Calvin e Haroldo”**. Disponível em: <http://revistas.unibh.br/index.php/dchla/article/view/402> 20/09/2016

FITA, E.C. **O professor e a motivação dos alunos**. In: TAPIA, J.A; FITA, E.C. A motivação em sala de aula: O que é, como se faz. 5 ed. São Paulo: Loyola, 2003. p. 65-135.

GEEK, Jorge. **Calvin e Haroldo, e foi assim que tudo começou, há 30 anos atrás.....** Disponível em: <http://jorgesilvageek.blogspot.com.br/2015/11/calvin-e-haroldo-e-foi-assim-que-tudo.html>, acesso em 25/09/2016

GUIMARÃES, S.E.R. Motivação intrínseca, extrínseca e o uso de recompensas em sala de aula. In: BZUNECK, J.A.; BORUCHOVITCH, E. (Orgs.). **A Motivação Do Aluno: Contribuições da psicologia contemporânea**. Rio de Janeiro: Vozes, 2001. p. 37-55.

KAMII, C; LIVINGSTON, S.J. **Desvendando a Aritmética – Implicações da Teoria de Piaget**. Campinas: Papirus, 1999.

LIMA, L.M.S. Motivação em sala de aula: A mola propulsora da aprendizagem. In: SISTO, F.F; OLIVEIRA, G.C; FINI, L.D.T. (Orgs.) **Leituras de psicologia para formação de professores**. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

LÜDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MOREIRA, Daniel Augusto. **Ométodo fenomenológico na pesquisa**. São Paulo: Pioneira Thomson, 2002.

NOGUEIRA, Martha Guanaes. **TAREFA DE CASA Uma violência Consentida?** São Paulo: Loyola, 2002.

RANGEL, Ana S. **Educação matemática e a construção do número pela criança**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.